

# SOBRE A DEFINIÇÃO DE EMOÇÃO: UM EXAME EPISTEMOLÓGICO

**André Vieira dos Santos**

Doutorando em Ciências Biológicas (Modalidade Fisiologia)

Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho

Centro de Ciências da Saúde - UFRJ

Laboratório Integrado de Pesquisa do Estresse (LINPES)

Instituto de Psiquiatria (IPUB) – UFRJ

andre.asvieira@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O que é a emoção? Como medi-la? Notória e recorrente são essas perguntas entre os pesquisadores, sendo assim é preciso refletir sobre esse constante retorno aos problemas concernentes à sua definição. A necessidade da reflexão é oriunda da miríade de questões não resolvidas e ausência de novos problemas de pesquisa, sendo a investigação deste fenômeno psicológico caracterizada por infintos recomeços.

No percurso da tarefa de conceituação e definição operatória psicométrica<sup>1</sup>, a partir dos problemas fundamentais de pesquisa supracitados, há duas atitudes de espírito que se expressam como maneiras de rechaçar tais problemas: pode-se simplesmente respondê-los através da simples aceitação de que existem várias abordagens, escolhendo a que mais convém; ou meramente admitir a complexidade do fenômeno em questão, impedindo, portanto a possibilidade de conhecer cientificamente a emoção humana. Preferimos evitar estas opções inquirindo, através de uma revisão da literatura referente ao tema, as diferentes maneiras de se conceituar e operacionalizar tal constructo a fim de expormos o problema da definição da emoção.

Realizar-se-á um exame epistemológico atentando para os postulados, ou seja, princípios que são tomados como indiscutíveis na formulação tanto do conceito quanto das definições operatórias. Ver-se-á que ambos dependem de uma concepção de mente sobre a qual incidirá os instrumentos científicos. Estes, por sua vez determinam a condição experimental e, portanto, a disposição dos estímulos e do participante da pesquisa.

### 1 CONCEITO E DEFINIÇÃO OPERATÓRIA DE EMOÇÃO

A psicologia experimental e a psicometria são indiscutivelmente tentativas de se tornarem um prolongamento das demais ciências, haja vista sua exigência de explicação científica dos fenômenos mentais. Não importando qual processo psicológico básico<sup>2</sup> esteja em questão, a inferência dos estados internos<sup>3</sup> é realizada a partir de três tipos de dados: o relato verbal, as respostas fisiológicas e o comportamento. Estes dados são os manifestos causados por um fenômeno latente (DeVellis,

2003; Lang *et al* 1990). Este fenômeno suposto é denominado constructo hipotético. Não sendo uma medida *per se* tal fenômeno é observado indiretamente e inferido a partir das diferentes mensurações destes dados. Autores de ambas as áreas de pesquisa tem formulado teorias e instrumentos de medidas que possibilitassem a explicação dos processos psicológicos básicos. Parte-se, então, do pressuposto, sem que haja nenhum tipo de prova ou demonstração, de que os estados mentais, nesse caso a emoção, são escalonáveis. É possível quantificá-los, atribuir números que representam sua variação em formas de itens construídos para a formação de escalas.

### **1.1 A MIRÍADE DAS EMOÇÕES BÁSICAS DISCRETAS**

O termo básico significa fundamental, principal, essencial e simples, ao mesmo tempo, remete àquilo que serve de base. Na investigação a respeito da natureza das emoções, diversos autores empregam as expressões *emoções básicas*, *emoções primárias* ou *emoções fundamentais* para mencionar um conjunto de elementos que seriam a base para formação de todas as outras. Dito em outras palavras o objetivo da pesquisa é reduzir todas as emoções a uma lista que contemplaria as demais. Embora os autores compartilhem de que existam tais elementos constituintes, eles divergem quanto ao modo de abordá-las. Há uma divisão clara entre os pesquisadores. Izard (1977), por exemplo, postula que existem dez emoções básicas: a raiva, o contentamento, o nojo, o desconforto, o medo, a culpa, o interesse, a alegria, a vergonha e a surpresa. Já Panksepp (1982) representa sua lista por meio de quatro emoções básicas a partir das expressões de expectativa, medo, raiva e pânico e, por fim, mas sem finalizar o vultoso número de autores e de listas, Plutchik (1980) enumera aceitação, raiva, antecipação, nojo, alegria, medo, tristeza e surpresa. É mister levar em conta que os autores às vezes empregam conceitos distintos embora empreguem a mesma palavra ou, o contrário, a mesma palavra para representarem conceitos distintos. Todas essas enumerações se realizam em laboratório por meio de experimentos completamente diferentes entre as distintas abordagens e cada um desses experimentos ratificam cada proposta.

### **3.2 A MIRÍADE DAS DIMENSÕES EMOCIONAIS**

Alguns autores buscam reduzir toda miríade emocional a fatores que não são emoções *per se*. Tais fatores, por exemplo, variam em qualidade e em intensidade, esses subjacentes a todas as emoções. Esse sistema explicativo se espelha na teoria das cores cujo modelo para explicação de toda a variação da cor se dá a partir de fatores como matiz, brilho e saturação. Eles não são cores *per se*, mas suas variações permitem entendermos a manifestação de toda e qualquer cor. A abordagem das dimensões emocionais almeja elaborar um modelo tal e qual o das cores. O prazer e a ativação (*arousal*) seriam tais fatores. Ao longo do século XX uma série de modelos são

elaborados com dois ou mais fatores. Podem-se categorizar as várias propostas existentes, a título de ilustração, em dois grandes grupos de Teorias Prazer-Ativação Emocional (TPAE). Delas são oriundas perspectivas distintas de como o prazer e ativação emocional derivam da qualidade e intensidade das emoções.

Na primeira TPAE, a qualidade das emoções é determinada pelas combinações específicas de prazer e ativação emocional. A intensidade aqui não é considerada. Russell (1980) propôs o modelo Circular Bidimensional da Emoção a partir do qual a estrutura do afeto poderia ser representada num espaço cartesiano no qual os termos afetivos, representativos dos fatores, se posicionariam num círculo da seguinte forma: prazer ( $0^\circ$ ), excitação ( $45^\circ$ ), ativação emocional ( $90^\circ$ ), desconforto ( $135^\circ$ ), desprazer ( $180^\circ$ ), depressão ( $225^\circ$ ), sonolência ( $270^\circ$ ) e relaxado ( $315^\circ$ ). Segundo este autor as emoções seriam dependentes umas das outras. Desta forma estas seriam mais bem representadas de forma bipolar, em eixos no interior de um círculo formado por pares de adjetivos opostos.

Na segunda TPAE, a qualidade da emoção é determinada por valores específicos de prazer e ativação emocional e uma terceira dimensão é considerada, a intensidade. Daly, Lancee and Polivy (1983) sugeriram um modelo tridimensional da emoção no qual prazer e desprazer, a atividade emocional e a intensidade estariam representadas em cada eixo, analogamente ao plano cartesiano com as coordenadas x, y e z.

Em meio a tantas propostas, parece ser de comum acordo a presença da dimensão prazer-desprazer como fator importante para explicação da experiência emocional humana e aceita pela grande maioria dos pesquisadores. Entretanto, o conceito e sua definição operacional em laboratório se distinguem em cada autor, o que equivale a dizer que embora estejam utilizando homógrafos não estejam tratando de um mesmo fenômeno. Já o fator ativação emocional encontra um problema muito difícil de ser resolvido e a literatura da emoção se encontra num grande debate. Por mais que haja a definição, segundo a qual, a ativação emocional é um estado corporal que representa um *índice direto*<sup>4</sup> de mobilização, de energização, no qual o indivíduo sentiria estados que variariam num contínuo, indo de sonolento, pólo indicando a magnitude mais baixa, passando por pouco sonolento, relaxado, vigilância, hiperatividade e, finalmente, num estado excitado, no pólo oposto; duas razões tem sido apontadas para o grande debate em torno de tal definição. A primeira, porque diferentes medidas fisiológicas (autonômicas, viscerais, somáticas e neurais) apresentam baixos índices de correlação entre elas; a segunda, o ser humano não tem acesso explícito, direto, às atividades autonômicas e viscerais.

## 2 O SUJEITO E A CONDIÇÃO EXPERIMENTAIS

Observemos o modo como são conduzidos os experimento com seres humanos. Basicamente, a pessoa é convidada a participar de uma pesquisa em psicologia experimental ou psicometria. Explica-se, então, seu propósito, bem como a maneira pela qual será conduzida em laboratório. Nele haverá condições que serão *acatadas* pela pessoa, caso ela *decida* participar. Estas condições se resumem em *responder honestamente* aos questionários e escalas psicométricas, *obedecendo* a determinadas regras para se realizarem os relatos verbais. O sujeito experimental aparece na pesquisa, então, quando a pessoa *consente* com as condições aceitando os procedimentos que serão dados a ele, restringindo as várias possibilidades do uso da linguagem. O relato verbal é um uso restrito da linguagem mediante regras prescritas aos participantes da pesquisa. Citemos o caso de Lang et al. (2005; p.4 e p.6) cujos experimentos psicométricos são dotados de condições nas quais instrui-se o sujeito experimental a atribuir escores em escalas pictográficas. Elas representam estados internos deflagrados, automaticamente, quando na observação de fotos com diversos conteúdos emocionais. As instruções são dadas da seguinte forma:

Neste estudo, estamos interessados em como as pessoas respondem a fotos que representam muitos eventos que ocorrem na vida. Por aproximadamente 40 minutos, você olhará diferentes fotos que serão projetadas na sua frente em um telão, e você dará um escore para cada foto que representará como elas produziram o que você sentiu enquanto as via. Não existem respostas certas ou erradas, então simplesmente **responda o mais honestamente possível**. Antes de começarmos, eu gostaria que você lesse e assinasse o termo de consentimento que acompanham seu caderno de respostas [...]. [...] Algumas fotos podem suscitar experiências emocionais; outras podem parecer relativamente neutras. **Sua atribuição de escore deve refletir sua experiência pessoal imediata, nada mais**. Por favor, atribua cada escore relativo a COMO VOCÊ SE SENTIU IMEDIATAMENTE ENQUANTO ASSISTIA A FOTO. (LANG ET AL., 2005, p.4 e p.6, grifo nosso).

Vê-se claramente que a noção de mente subtendida pelo autor trás consigo dois pressupostos: a divisão da mente em um pólo ativo e um pólo passivo e de que a linguagem representa estados internos, referentes<sup>5</sup> acessíveis somente ao sujeito experimental. De um lado existe um pólo não submetido às condições experimentais, sendo capaz de examinar o que se passa no pólo passivo, esse passível de ser deflagrado por estímulos. A linguagem é considerada como veículo do que se passa no sujeito experimental. O relato verbal é empregado pelo pólo ativo representando os estados internos do pólo passivo. Partir desses pressupostos é no mínimo contradizer-se, pois como se pode trabalhar em velocidade razoavelmente alta, imediata, dando somente impressões acerca das fotos observadas e, no entanto, ter de relatá-las conscientemente, de forma reflexiva? O sujeito e a condição experimentais são elaborados pelo experimentador por meio das instruções, tendo como efeito a convivência entre o pólo ativo da mente, que analisa seus conteúdos e procura descrevê-los, honestamente, por meio de vocábulos e gradações numa escala e o pólo passivo, onde se configuram aqueles conteúdos deflagrados pelas condições do contexto. Misto do resquício da concepção de alma, própria de um passado filosófico a todo momento negado

pelos psicólogos experimentais e uma concepção mecânica da mente, esses são os pressupostos implícitos contidos na elaboração dos desenhos experimentais em emoção.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é a emoção? Como medi-la? Essas questões formuladas desde o início de sua investigação científica até os dias atuais visam àquilo que toda ciência perscruta: a redução. Essa se caracteriza por uma atividade intelectual que propõe a identificar uma invariância na variação fenomênica. Um exemplo para o conceito de redução poderia ilustrá-lo melhor. Atualmente a partir de quatro aminoácidos pode-se remontar toda a diversidade dos seres vivos, isto é, tornar inteligível toda sua variação. Realizar uma lista básica de emoções ou recorrer a fatores tem, atualmente, se mostrado como incipientes formas de redução para a explicação do fenômeno da emoção haja vista a sua multiplicidade. O diagnóstico para o aparecimento dessas multiplicidades se deve tanto à impossibilidade de atribuir números, isto é, de quantificar o estado emocional haja vista a falta de referente emocional, como também à contradição interna ao próprio conceito de mente admitindo pólos que se excluem.

1 Limitaremos a reflexão somente à psicomетria da emoção suspendendo as questões envolvidas tanto com a definição fisiológica da emoção quanto da relação dos dados levantados por esses dois tipos de pesquisa.

2 Com vistas a evitar a multiplicidade de teses acerca da natureza das relações entre o mental e o físico, o que está fora de nosso escopo, optou-se pela subentendida tese, entre os autores aqui comentados, do monismo materialista segundo a qual a todo fenômeno psíquico subjaz um conjunto de fenômenos biológicos. Assim, os processos básicos psicológicos seriam estados internos que emergiriam da comunicação entre circuitarias cerebrais específicas, são eles: a cognição, a linguagem, a memória, a emoção, a motivação, a sensação e a percepção.

3 Estado interno é uma condição do psiquismo, num determinado momento, acessível apenas a quem o vivenciou. O estado de medo, por exemplo, pode ser deflagrado num contexto ameaçador ou na rememoração de um conteúdo desagradável oriundo de uma experiência penosa no passado.

4 Schlosberg (1954) chega a empregar o verbo “espelhar” para se referir à relação entre a ativação emocional e ativação fisiológica. Bradley □T al. (2008) sugere a mesma idéia quando mostra que a dilatação da pupila, parâmetro mediado pelo sistema nervoso simpático, é maior em fotos com alta magnitude de ativação independentemente do conteúdo emocional das fotos (agradável ou desagradável).

5 A noção de referente empregada nas pesquisas é deveras complicada. Por definição, o referente necessariamente deve ser observado e compartilhado por outros agentes de conhecimento, isto é, deve ser minimamente indicado, algo exterior ao observador. A noção de referente interno é, portanto, também uma contradição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEVELLIS, R.B., **Scale development: theory and applications**. Newbury Park, CA: Sage Publications. Applied social research methods series, v.26, 2003
- BRADLEY, M.M., & LANG, P.J., **Emotion and Motivation**. Handbook of Psychophysiology. Cambridge Universities Press. 2007.
- IZARD, C. E. **The face of emotion**. New York: Appleton-Century-Crofts.1971
- LANG, P. J., BRADLEY, M. M., & CUTHBERT, B. N. **International affective picture system (IAPS): Instruction manual and affective ratings**. Technical Report A-6, The Center for Research in Psychophysiology, University of Florida.2005
- PANKSEPP, J. **Toward a general psychobiological theory of emotions**. The Behavioral and Brain Sciences. 5, p 407-467.1982.
- PLUTCHIK, R. A general psychoevolutionary theory of emotion. In R. PLUTCHIK & H. KELLERMAN (Eds.) **Emotion: Theory, research, and experience**. Theories of emotion. New York: Academic Press.1980. p. 3-31.
- RUSSEL, J. A **Circumplex Model of Affect**. Journal of Personality and Social Psychology. v. 39, n. 6, p.1161-1178. 1980
- DALY, E.M., LANCY W.J., POLIVY, J. **A Conical Model for the Taxonomy of Emotional Experience**. Journal of Personality and Social Psychology. v. 45, n. 2, p. 443-457. 1983